

REGULAR A GLOBALIZAÇÃO

por Mário Soares

Nos últimos meses a imprensa mundial - e significativos economistas e empresários ocidentais - começaram a expressar em artigos, entrevistas e livros, as suas preocupações, para não dizer alarme, quanto às múltiplas crises que estão a fustigar o mundo e não só o Ocidente. Também os países chamados emergentes.

Essas múltiplas crises tiveram o seu epicentro nos Estados Unidos, até agora, a hiperpotência hegemónica do Mundo, que está a deixar de o ser: crise financeira, com as perturbações bolsistas; monetária, dada a queda inimaginável do dólar, moeda de referência mundial que está a cair em relação ao euro e ao yuan; económica, que começou com a bolha imobiliária e o crédito mal parado nos Estados Unidos (sub-prime); crise social, com o crescente desemprego, o aumento em flecha do custo de vida e o mal-estar de amplas camadas populacionais, que está a comunicar-se à União Europeia; crise energética, que afecta todos, excepto os grandes produtores, com o petróleo a roçar os 120 dólares o barril; crise alimentar, com a escassez e a subida súbita do preço dos alimentos essenciais (cereais, carne, leite, ovos, arroz, etc.), que anuncia para os países mais pobres uma vaga de fome talvez incontrolável; crise de valores, com o desaparecimento dos princípios éticos nas relações sociais e políticas; e, finalmente, crise planetária, com a destruição dos equilíbrios ecológicos básicos, na terra e nos oceanos, a diminuição da bio-diversidade, a crescente desertificação, a desflorestação e as alterações climáticas, provocadas pelo buraco do ozono e pelo efeito de estufa.

Todas estas crises, cada uma de per si, são de enorme gravidade. Como se sabe, têm vindo a anunciar-se algumas desde há bastante tempo. Mas, agora, interpenetram-se e interinfluenciam-se, com efeitos desastrosos, batendo à porta dos países mais desenvolvidos e ricos, começando pelos Estados Unidos. Realmente, a grande América está a chegar ao fim de um ciclo e a perder a sua antiga hegemonia, com todas as perversas consequências que daí resultam.

Pensou-se que os países emergentes poderiam escapar às crises que se anunciam, particularmente a China, que alguns comentadores chegaram a prever, dada a sua excepcional taxa de crescimento, vir a ser a potência dominante de meados do século XXI. Não creio... Entre os países ditos emergentes, será porventura dos mais fustigados, dado o volume da sua população e o rígido sistema comunista que, no plano político, continua dominante. Apesar de se conhecer mal o que se passa na China, sabe-se ter havido revoltas nas populações rurais e um mal estar latente nas elites culturais e científicas. São sinais iniludíveis da fragilidade do regime... Veremos como se passarão os jogos olímpicos, que alguns julgam poder lembrar a Alemanha de 1936...

A situação mais grave, no entanto, reside nos Estados Unidos. Ninguém duvida, hoje, que a administração Bush - e as guerras no Iraque, no Afeganistão e a desestabilização que provocaram no Médio Oriente e no universo islâmico - amplificaram as crises, com que se confrontam, se não estão na sua origem. O descrédito da política americana no Mundo e a perda da sua antiga hegemonia, em todos os planos, excepto no militar, são indiscutíveis.

Contudo, a era Bush está a chegar ao fim, sem glória, no descrédito e na impotência. O Mundo está centrado agora nas eleições presidenciais, que ocorrerão dentro de seis meses e que serão decisivas, não só para o Ocidente como para o Mundo inteiro. Faz falta um novo Franklin Delano Roosevelt! Obama, o candidato que melhor compreende a necessidade da mudança, que, necessariamente, implica uma ruptura com o sistema, apesar da simpatia que despertou na opinião pública mundial e do dinamismo que desencadeou entre a juventude e os intelectuais, está sujeito a um terrível fogo de barragem que vem, curiosamente, de sectores contraditórios da sociedade americana, aos quais custa compreender que só uma ruptura profunda com o statu quo os pode salvar...

O neo-liberalismo entrou em falência. À semelhança do que se passou na ex-União Soviética, implodiu, roído pelas suas próprias contradições. E a União Europeia está a começar a sentir os efeitos da crise múltipla que vem dos Estados Unidos, num impasse político-estratégico, que a torna incapaz de reagir. Como poderá a Senhora Merkel, europeísta convicta, empurrar a construção europeia, perante o triângulo nefasto cujos vértices são Brown, Sarkozy, Berlusconi? Só um

movimento generalizado das opiniões públicas europeias pode pressionar os governantes europeus a fim de impor regulação na globalização e alguma racionalidade estratégica na economia e na política.

Há quarenta anos, por esta altura, vivemos a revolta estudantil e operária de Maio de 68, inesperada nos seus contornos, que fez tremer De Gaulle e constituiu um grande impulso na emancipação das pessoas. A história tem desses sobressaltos que estimulam o progresso. Não percamos a esperança.

Lisboa, Abril de 2008